

*Cássia Maria Carloto- Docente do Departamento de Serviço Social da UEL

**Luana Garcia Campos - Mestranda em Serviço Social e Política Social do Depto de Serviço Social da UEL

Resumo:

A proposta deste trabalho é discutir, a partir de um relato, os fatores que levam crianças e adolescentes a buscarem a rua como local de “moradia”, e quais os vínculos que eles criam com este espaço e com os demais que nele permanecem. Nosso foco de pesquisa foi o projeto interdisciplinar de atenção a crianças e adolescentes em situação de rua, desenvolvido para o público de 0 á 18 anos incompletos que estejam em situação de rua desenvolvido pelo Programa Sinal Verde da Secretaria de Assistência Social do Município de Londrina no ano de 2007. Decidimos por fazer história de vida tópica e definimos como critério de escolha para a entrevista: ser atendido/a pelo projeto a pelo menos um ano, a partir de março de 2006; sua família ser alvo de atendimento sistemático pela equipe do projeto, o que indica sua situação de vulnerabilidade; ter histórico de forte vínculo com a rua.

Palavras- chaves: adolescentes em situação de rua, casa e rua, vínculos e rua.

Abstract:

The purpose of this paper is to discuss, from a report, the factors that lead children and teenagers to seek the street as a place of "housing", and what links they create with this space and with others who remain. Our research focus was the design of interdisciplinary care for children and adolescents in street situation, developed for the public from 0 to 18 years who are incomplete in the street developed by the Green Light Program of the Secretariat of Social Assistance in Londrina in 2007. We decided to make history topical life and set as a criterion of choice for the interview be attended / a project by at least one year, from March 2006, his family was the target of systematic attention to the project team, which indicates their vulnerable situation; have previous history of strong ties with the street.

Key-words: adolescents in the street, house and street, and street bonds

Introdução:

O modelo econômico dominador e excludente, atualmente em vigência, tem atingido direta e indiretamente crianças e adolescentes, tendo como uma de suas conseqüências a fragilidade dos vínculos familiares, ficando essa parcela da população sem referências nos momentos mais essenciais de suas vidas, a infância e a adolescência. Procuram, assim, um novo local e grupo para reestabelecer esse vínculo tão importante para o seu desenvolvimento pessoal, escolhendo, muitas vezes, o espaço da rua como essa nova referência.

A definição do fenômeno social de meninos e meninas de rua e na rua foi criada pelos estudiosos a partir da metade da década de 80 para designar crianças e adolescente que, por diversos motivos, deixam suas famílias e passam a vivenciar situações consideradas de risco nas ruas. (RIBEIRO, 2004, p.32)

A definição para a palavra rua no dicionário significa: “via pública de circulação urbana, total ou parcialmente ladeada de casas; qualquer logradouro público que não seja casa, residência, local de trabalho” (FERREIRA, 2001), muito embora tenha sido procurada exatamente para

esses fins por crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade e exclusão, não apenas material, mas de acesso à cultura, à saúde, ao esporte, ao lazer, à educação, entre outros direitos.

Segundo Santana em artigo na revista eletrônica¹:

Se o processo de adolecer, normalmente, traz dificuldades para qualquer adolescente em graus variados, certamente para aqueles que não dispõem das condições materiais e afetivas mínimas de sobrevivência, essa etapa pode se apresentar, normalmente, desestruturadora. (SANTANA, 2005, p. 53)

Outro conceito que se torna pertinente e que tem trazido bastante discussão é como denominar esses meninos e meninas. Para Ferreira (2001, p. 39), este grupo pode ser classificado de duas formas: meninos de rua e meninos na rua, atentando ainda para a diferenciação desses dois grupos, a forma como se aglomeram e se relacionam, assim como sua relação com o espaço da rua e com suas famílias.

Segundo ela, meninos na rua, ou “meninos trabalhadores”, como se denomina também este grupo, são aqueles que “fazem da rua seu espaço de sustento e até do de suas famílias, através de algumas ocupações mais ou menos estáveis, com as quais estabelecem suas relações de trabalho” (FERREIRA, 2001. pg. 39). Destaca ainda que estes não perderam o contato e o convívio familiar, apenas se utilizam da rua como local de trabalho, voltando para casa constantemente e ainda mantendo o vínculo com suas famílias, muitas vezes condicionado ao que a autora chama de “passaporte de retorno a casa”, ou seja, o dinheiro, fruto de trabalhos informais, como cuidar de carro, coletar material reciclável, entre outros, que proverá o sustento de seus núcleos familiares.

Mas, não é só a relação com suas famílias e seus constantes retornos para casa que os diferem do grupo de meninos de rua, mas também sua forma de se relacionar com os outros meninos e entre si. Ferreira (2001) nos diz:

A organização dessas crianças e adolescentes difere claramente da dos “meninos de rua”. Estabelecem entre si os limites territoriais onde cada um tem “seu ponto” de trabalho, especialmente os vigias e lavadores de carro, onde a organização é mais complexa.

Nesses territórios as regras são claras e a organização do trabalho, explícita. [...]

Alguns grupos se constituem e há uma cumplicidade dentre os membros, uma espécie de pacto pelo qual se protegem mutuamente, diferentemente do “menino de rua” que faz seu laço social no “bando” em que o líder mantém, no seu interior, poder e controle intenso” (FERREIRA, 2001, p. 40).

Esses “meninos trabalhadores” estão tão expostos aos perigos da rua quanto os meninos de rua, mas ainda mantém o vínculo familiar e comunitário e muitas vezes, freqüentam a escola. Porém, estão propensos a entrarem num processo em que a convivência com a rua vai se intensificando, a permanência nela torna-se mais constante, os vínculos familiares fragilizados são substituídos pelos vínculos criados com a rua e as pessoas que nela permanecem, sendo substituída pelo bando e assim feita a travessia de menino na rua para menino de rua, não que essa trajetória seja uma regra.

¹ Disponível em: <http://www.abennacional.org.br/revista/cap2.4.html>>

Este segundo grupo, esclarece a autora, são aqueles que fazem da rua seus locais de moradia e de vivência. Conforme já descrito, organizam-se em bandos, em que há um líder, o qual tem a responsabilidade da proteção dos demais, mas que também detém o poder, que vigia, controla e pune quem desobedece às regras. Esses meninos já romperam os laços familiares e encontraram na rua e no bando quem substitua seu núcleo familiar. Não cabe mais aos pais a proteção e a orientação, pois estes foram substituídos pelo líder.

Rosa (2005, p.42) diz que rua pode ter no mínimo dois sentidos, que seriam o lugar de abrigo para os que sem recursos dormem circunstancialmente neste espaço e aqueles que buscam a rua e podem constituir aí um modo de vida, ou seja, fazem da rua seu *habitat* e “estabelece com ela uma complexa rede de relações”.

A autora estabelece três classificações possíveis de identificação das distintas situações em relação a rua, sendo elas o “ficar na rua”, que se constitui em uma circunstancialidade e estes ainda tem receio de dormir e permanecer na rua. O “estar na rua” que implica aqueles que procuram a rua para pernoite, porém, não há mais o receio dela e já dão os primeiros indícios de estabelecimento de relações com os que também estão na rua. Já os que estão em situação de “ser da rua” fazem desta sua moradia praticamente definitiva.

O fato é que o fenômeno social de crianças e adolescente em situação de rua, seja ela esporádica ou permanente, para moradia ou trabalho, é um tema antigo de discussões e estudos, porém, está longe de ser esgotada e muitas são as dificuldades encontradas para quantificar e estudar esta população.

Estimar o número de crianças e adolescentes em situação de rua no país tem se tornado um desafio por se configurar numa população de grande rotatividade, ou seja, hora estão em mocós, hora estão em sinaleiros, hora estão em praças, hora em marquises e rodoviárias, hora em casa. Há também algumas vezes uma certa dificuldade de acesso a eles. Segundo Rosa (2005, p.67) “esta população nunca foi incluída nos censos oficiais do IBGE, portanto os números estimados são sempre suspeitos”.

Artigo publicado no Jornal Folha de São Paulo² (apud ROSA, 2005, p.67) diz que “não há estimativa do número de crianças e adolescentes que vivem na rua em situação de exclusão social”, sendo esta estimativa feita normalmente por programas municipais que trabalham com este segmento, portanto, os dados publicados referem-se aos Municípios. Assim, cada cidade onde há um programa que trabalhe com essa população e que realize este tipo de pesquisa, publica seus dados de âmbito locais.

Observa-se que a grande maioria dos dados publicados dizem respeito à maiores metrópoles do Brasil, ou seja, à cidade de São Paulo ou o Rio de Janeiro. O documento expedido recentemente pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome – MDS, referente ao I Encontro Nacional sobre população em situação de rua, informa que:

[...] a Diretoria de Proteção Social Especial, criada no ano de 2005, realizou um levantamento sobre o segmento da população de rua nas capitais e nos municípios brasileiros com mais de 300 mil habitantes, tendo trabalhado com a tese segundo a qual quanto maior a cidade, maior o número de pessoas em situação de rua.

² Disponível em: < <http://www.fipe.org.br/web/home/noticia.aspx?c=37>>

Dos 76 municípios consultados, apenas 53 remeteram resposta; desses, apenas 35 souberam informar o número de pessoas em situação de rua. A contabilização dos números informados apontou para mais de 25 mil pessoas vivendo nessa condição, nas principais cidades brasileiras. (BRASIL, 2006, p. 24)

O documento do MDS informa também que uma das dificuldades no “trabalho com a população em situação de rua [é] a inexistência de dados fidedignos acerca do perfil desses usuários” (BRASIL, 2006, p. 29), tendo como desafio, na síntese das discussões, a “produção de informações sobre a população em situação de rua” e como estratégia traçada, a produção de “dados, por meio da realização de pesquisas censitárias e qualitativas” (BRASIL, 2006, p. 41), demonstrando assim a necessidade e a importância da confecção de tais dados.

Esta informação é reiterada pela notícia publicada pelo Jornal de Londrina em 24 de Setembro de 2007³, na qual informa que o MDS encomendou um censo dos moradores de rua, a ser realizado a partir de outubro deste ano em 60 cidades com mais de 300 mil habitantes. Afirma que “essa é a primeira vez que o governo federal realiza pesquisa deste gênero” (GOUVEIA, 2007, p.4) A mesma notícia comunica que em Londrina este censo será realizado “no dia 15 de outubro de 2007 em 35 pontos da cidade, entre mocós, praças, ruas, asilos e casas de abrigo” (idem)

Duas dificuldades aqui se apresentam. A primeira está na quantificação do número de moradores de rua, sendo esta contagem de complicada realização por conta da dinâmica de vida destes, e as pesquisas são geralmente realizadas em âmbito local, sendo esta a primeira vez que este tipo de censo será realizado.

A segunda é constatar que estamos falando de dados sobre a população adulta em situação de rua e não uma contagem específica sobre crianças e adolescentes nesta situação. Assim, dados do número estimado de crianças e adolescentes em situação de rua se tornam então, por vezes, muito mais raros, embora a temática da infância e juventude seja destaque dos debates atuais.

Condorelli (2003)⁴, ao entrevistar Alessandro Gama do Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua para o correio eletrônico da Rede Estadual de Direitos Humanos do Rio Grande do Norte, informa que “segundo dados do IBGE, aproximadamente 3 milhões de crianças no Brasil vivem na rua”.

Traçando um breve perfil das crianças e adolescentes, atendidos pelo Programa Sinal Verde no município de Londrina-PR, vemos que a maioria está na faixa etária entre 12 e 16 anos, com escolaridade entre a 2ª e 5ª série, mas, quando chegam a esta série, raramente permanecem na escola e passam para as séries subsequentes. Provêm dos bairros periféricos de Londrina, porém há a presença constante de meninos e meninas das cidades circunvizinhas. São de famílias marcadas pelo desemprego ou pela predominância de trabalhos temporários e mal remunerados. Outro fator importante é o uso de substância psicoativa pelos adolescentes. Porém, o envolvimento com ato infracional não é recorrente, constatada pelo baixo número de passagens pelo Centro de Sócio-Educação de Londrina – Unidade CENSE I.

³ Vide Anexo.

⁴ Disponível em:: <http://www.dhnet.org.br/tecidosocial/anteriores/ts009/entrev_alex_gama.htm>

A História de Melissa:

Melissa⁵ no momento da entrevista era solteira, tinha quinze anos de idade tendo por formação escolar a terceira série do ensino fundamental. É uma menina baixa, de pele parda e cabelos curtos, está sempre usando boné e roupas largas como as dos meninos, o que a faz aparentar ser uma pessoa do sexo masculino reforçada pela voz rouca, o modo de falar e de andar.

Sua história com a rua é de permanências não tão longas, porém intensas. A primeira abordagem realizada com Melissa pela equipe de Abordagem de Rua do Programa Sinal Verde foi em princípios de maio de 2002, à época com apenas oito anos de idade. A mesma já passou alguns períodos em Abrigos Municipais.

A adolescente, até o mês de julho de 2007, havia sido abordada sessenta e oito vezes pela Equipe do Programa, sendo que só no ano de 2003, trinta abordagens haviam sido realizadas. Passou um período relativamente estável em casa nos anos seguintes, voltando a uma situação de rua mais intensa no final de 2006 e início de 2007.

Neste trabalho apresentaremos dados parciais da análise a partir dos seguintes tópicos: casa e família; minha casa; ir para a rua; a rua; violência, medo e volta para a casa.

Casa e Família

Melissa é a terceira filha de um total de cinco irmãos. A mãe Joana tem 37 anos de idade, analfabeta, desempregada, dependente química e etilista, sendo este desde os 12 anos de idade. Assim como Melissa, Joana também tem histórico de rua, tendo inclusive neste ano (2007) sido abordada dormindo na rua e necessitou de atendimento médico por conta de agressão sofrida por parte da polícia, enquanto dormia no mocó.

O pai mora com a avó e Melissa não mantém contato com eles,

Eu já nem gosto dele, porque ele também é usuário de droga. Ele que levou minha mãe pra essa vida, ela não usava, ele que fez a cabeça da minha mãe entendeu? O dinheiro que ele ganha lá é tudo para drogas.

A droga é um dos temas centrais da entrevista de Melissa. Em sua fala ela cita reiteradamente os malefícios à sua família, responsabilizando a droga como a grande vilã pelo fato dela não ter a família.

Percebe-se que para a adolescente não há problema em ter uma moradia precária, os pais não terem emprego para sustentar a família ou enfrentar outros reversos de uma vida de exclusão e vulnerabilidade, o problema é que, ao se envolverem com drogas, os pais passam a tomar atitudes que em nada parecem com a idealização que se faz do papel dos pais.

Segundo Escorel (1999) o vício do álcool e outras drogas interferem na vida familiar à medida que provocam conflitos, violentos ou não, provocando o desequilíbrio no orçamento doméstico que a compulsividade no consumo de drogas tende a produzir. Em famílias que enfrentam a situação de pobreza e/ou miséria, quando o vício é do provedor, isso pode significar a desintegração da estrutura familiar.

⁵ Todos os nomes aqui utilizados são fictícios.

A relação com a mãe é conflituosa, seja pelas características da própria idade, seja por condenar a forma como a mãe conduz a vida e a família. A equipe do Programa Sinal Verde foi informada por diversas vezes dos embates ocorridos entre Melissa e sua mãe, chegando por vezes às vias de fato, ou seja, a agredirem-se fisicamente. Ainda assim há carinho por ela, demonstrando isso quando diz que hora a mãe tem usado álcool e droga todos os dias, hora dizendo que é de vez em quando, como se quisesse preservar a imagem de Joana, com desejo de ajudá-la:

queria ajudar minha mãe a sair dessa vida... Eu já arrumei uma internação pra minha mãe. Eu conheci uma menina chamada Alessandra e ela falou que a minha mãe, que se ela quiser ir pra internação, é só conversar com ela que ela arruma.

Sobre os irmãos menores Melissa relata:

Ah, quando minha mãe fica lá de cara cheia eu tenho que ficar com eles, dormindo junto comigo.

Melissa toma para si a responsabilidade de cuidar dos irmãos quando a mãe não está em condições, o que se torna uma característica de muitas famílias pobres, onde seus adolescentes, e muitas vezes suas crianças assumem as responsabilidades da casa e dos irmãos menores pela ausência dos pais.

Confirma esta atitude quando diz:

a minha irmã Milena era pequena, ficava ‘cagada’ (sic) e era eu que tinha que trocar era eu que tinha que fazer isso, aquilo, ir lá em tal lugar.

Os percalços da vida e as responsabilizações, como cuidado com os irmãos e o cuidado com si própria, têm exigido de Melissa um amadurecimento precoce, visto que relata não ser recente este tipo de atitude da mãe. O que verificamos aqui é uma inversão de papéis, afinal, quem cuida de quem? Os cuidados e proteção são tarefas dos pais, neste caso, ao invés de ser cuidada, Melissa é a cuidadora dos irmãos e da mãe.

Independente da situação econômica das famílias, as relações são baseadas mais ou menos em padrões, cada qual com o seu papel dentro desta organização.

Conforme Pereira (2006) a família é forte e fraca:

Forte, porque ela é de fato um locus privilegiado de solidariedade, no qual os indivíduos podem encontrar refúgio contra o desamparo e a insegurança da existência. Forte, ainda, porque é nela que se dá, via de regra, a reprodução humana, a socialização das crianças e a transmissão de ensinamentos que perduram pela vida inteira das pessoas. Mas ela também é frágil, pelo fato de não estar livre de despotismo, violências, confinamentos, desencontros e rupturas. (PEREIRA, 2006, p. 37).

Ferreira (2003 p.59) dirá que é a partir da satisfação das necessidades, que pertence a uma construção subjetiva, é que se delineará a função da mãe. Esta função seria um certo cuidado com os filhos, que imprimirá nestes a demonstração do que a autora chama de “interesse particularizado”, ou seja, é através dos cuidados da mãe para com os filhos que estes reconhecerão o interesse dela por eles, a demonstração do afeto. O que vemos no relato é que o papel de filha não cabe mais a Melissa, não é ela o foco de cuidados.

Durante o relato, nesse ponto, há grande pesar em sua voz, o olhar se torna triste e vago. É como se Melissa olhasse para um porta retrato da família e visse a foto despedaçar-se, transformando seu sonho de ter uma família “de verdade” em uma lembrança triste, confirmando o que Rizzini (2004) diz em entrevista para o site da PUC/RIO⁶ referente a sua pesquisa com meninos e meninas de rua do Rio de Janeiro que se transformou em livro⁷: “Eles sonham com a estabilidade que não encontram em seu cotidiano”.

É importante aqui dizer que não estamos culpabilizando a família de Melissa ou julgando suas atitudes, o intuito é demonstrar que a ausência dos cuidados maternos e/ou paternos, exercidos não obrigatoriamente pelos pais, mas por alguém que possa referenciar as crianças e os adolescentes, são fatores decisivos na formação e na forma como eles conduzirão suas vidas. Entendemos que Joana também vem de um contexto de pobreza e privação, conviveu com a violência e adquiriu o hábito de beber ainda criança, aos 12 anos.

Minha Casa

O sociólogo DaMatta (1990, p.75) nos diz a respeito do domínio social da casa que esta “subentende harmonia e calma, local de calor (como revela a palavra de origem latina *lar*, utilizada em português para casa) e afeto” e complementa: “minha casa é o local da minha família, da ‘minha gente’ ou dos meus”.

Ao ser questionada onde Melissa está morando no momento da entrevista, sendo importante esta ressalva temporal, pois, perceber-se-á que ela já teve muitas moradas apesar da pouca idade, ela relata que:

Ah! To ficando na casa da minha irmã... da Ana.

Chama a atenção o fato de Melissa utilizar a expressão to ficando, passando uma sensação de que, embora resida naquele local, não se sente pertencente a ele, ou seja, ela não utiliza a palavra moro, como quem diz algo que lhe parece certo e seguro, mas utiliza-se da expressão to ficando como quem demonstra instabilidade, ou algo como: hoje eu estou aqui, amanhã eu não sei. Estar ficando em algum lugar não transmite a idéia de ser o lugar dos meus, da minha gente que me referencia e me faz sentir pertencente.

Conforme afirma Escorel (1999, p.121) a questão é que essa sensação de lar, em seus aspectos de domesticidade, intimidade e privacidade, podem estar tão ausente na rua quanto na casa referida como existente, ou seja, o que faz do local de moradia um lar não são propriamente as condições físicas do local, mas o sentimento que envolve este local. Melissa está ficando na casa da irmã, já passou por diversos outros locais de moradia fazendo um constante movimento rua-casa. A adolescente já passou períodos em abrigos municipais, já ficou na casa da tia Júlia, está ficando atualmente na casa da irmã, já morou com a mãe, passou alguns dias com uma vizinha, posou na casa de estranhos, dormiu em mocó. Também relatou ter ficado três dias com uma mulher que a encontrou na rua, demonstrando então em sua fala uma falta de referência quanto à moradia.

⁶ Dado disponível em endereço eletrônico: http://www.puc-rio.br/noticias/editorapucRio/autores/autores_entrevistas_IreneRizzini.html> Acesso em 09/09/2007.

⁷ RIZZINI, Irene. *Vida nas Ruas: crianças e adolescentes nas ruas - trajetórias inevitáveis?* Editora PUC-Rio/Edições Loyola.2003.

Neste sentido Rizzini (2004), em sua pesquisa com meninos e meninas em situação de rua, constata que suas trajetórias são caracterizadas por uma constante mobilidade: deslocam-se de um lugar para o outro, mas não se sentem verdadeiramente parte de nenhum.

Não é apenas a idéia de ter um “lugar seu”, “sua” casa, que perpassa as falas de Melissa, mas também de ter um lugar onde há uma rotina, horários, estabilidade, como o ideário de todos sobre uma casa, remetendo, como disserta DaMatta (1990) a um universo controlado, onde as coisas estão em seus devidos lugares.

Como apontado por Outeiral (2003), crianças e adolescentes precisam de limites para se orientar. Embora lutem ferozmente contra os não e a rotina, são esses elementos que ajudarão a construir o ser adulto que serão, a constituição do certo e errado. Quando não têm regras e uma rotina, sentem-se perdidos e esta característica torna-se muito mais relevante na passagem da adolescência para a vida adulta.

Ao citar que na casa da irmã todos dormem na hora certa, Melissa está verbalizando a sua vontade de ter uma rotina em casa, embora quando argüida sobre a diferença da rua e da casa ela diga:

A diferença é que na rua você tem liberdade, você faz o que você quiser na rua, lá em casa não, você num pode voltar entendeu, lá pra umas três horas, ficar lá na casa do amigo.

Demonstra assim sua contradição adolescente de pedir limites e rotina e ao mesmo tempo contestá-las.

Interessante notar que Melissa não utiliza a expressão “minha casa” quando se refere às diversas moradias pelas quais já passou, ela expressa-se dizendo: “na casa da minha mãe e não na minha casa como comumente costumamos dizer”.

Poderíamos pensar que é porque ela não mora atualmente com a mãe. Certamente! Mas ela também não se refere a casa da irmã como sua casa, ao contrário, ela também diz “estou ficando na casa da minha irmã”. Assim como não utiliza a expressão minha casa, Melissa também não diz a palavra moro, reforçando novamente o sentido de não pertencimento a nenhum dos lugares por onde já passou.

Refletindo sobre as colocações de Da Matta (1990) sobre a oposição entre casa e rua percebemos que a casa, para além do seu espaço geográfico, de um lugar, é uma categoria sociológica que representa familiaridade, intimidade, proteção, entre outras representações. Melissa não as encontra nos lugares onde ficou, portanto não se sente pertencente a uma casa, ou um lar.

A adolescente também relata que costuma ficar na casa de uma vizinha, pois lá parece encontrar um ambiente que lhe é agradável:

Ai eu fico lá né? [na casa da vizinhas] conversando, escutando rádio, ela já me apoiou muito na hora que precisei. No dia que minha mãe mandou eu ficar pra fora, não quis deixar eu entrar, aí posei na casa dela, eu fiquei dois dias na casa dela, ela tem problema na vista, não enxerga muito, aí eu fico lá, eu ajudo ela a fazer comida, na hora que tem alguma coisa pra eu lavar, tem roupa pra lavar, eu lavo, ela vai, me dá dinheiro, eu vou, compro as coisas pra eu comer, pros meus irmãos.

Embora continue usando a expressão “fico” ao referir-se a casa da vizinha, Melissa demonstra sentir-se mais apoiada por ela do que pela mãe, parece gostar de ajudar nas tarefas de casa sem que isso se torne um peso, mostra gratidão por ter sido acolhida num momento de conflito e ao receber alguma recompensa, não pensa apenas em si, mas também nos irmãos.

Questionada sobre o que tem então de bom em ficar em casa, Melissa diz:

Ah! nada! Só ficar pra rua, brincar, nós sai, vai brincar, vai lá no campo jogar bola, fica lá né?

Nesta fala, a adolescente refere-se ao período em que fica na casa da irmã. Porém, interessante notar que o bom na casa da irmã é ficar na rua! Perguntado então o que tinha de bom na casa da mãe quando ela permanecia lá, Melissa é enfática ao responder:

Não tinha nada! Vixi... tinha que limpar todo o quintal, tava limpo e ela queria que limpasse mais limpo ainda, máquina estragava, eu que tinha que arrumar.

Melissa é adolescente, com características naturais da idade, mas desde criança viu-se com responsabilidade de adulto. Foi criança, mas exercia um papel adulto por coerção da situação de seus pais e da família, hoje está perseguindo sua identidade, como é nato da adolescência, porém trás consigo uma carga não própria da idade.

Perguntado então o que tem de ruim, responde:

De ruim tinha um monte! Era serviço pra todo lado. Serviço tudo pesado. Tinha dia que a gente tava lá cortando o negócio de vassoura, eu tinha que ir cortar vassoura e um dia a faca cortou o meu pé. [...] eu ia sozinha, ela mandava eu ir trabalhar [...] pra ajudar ela a comprar as coisas em casa.

É bastante comum em famílias de baixa renda a utilização da mão de obra infanto-juvenil como meio de compor a renda familiar. Por vezes, crianças ou adolescentes é que são os provedores principais, ou únicos, das despesas da casa, quando o adulto responsável, pelos mais diversificados motivos como desemprego, doença, entre outros, não encontra meios de promover o sustento de sua família.

Essas crianças e adolescentes aprendem desde pequenos a buscar seu sustento próprio e de suas famílias, interiorizando a idéia da necessidade e tomando para si esta responsabilidade. Esses fatores contribuem para a expansão do ideário que crianças pobres precisam trabalhar, afirmadas pelo senso comum, confirmadas por bordões como: é melhor trabalhar do que roubar.

A população em geral é indiferente à situação e vê o trabalho infantil como a única chance de sobrevivência para os mais pobres. Muitos acreditam que colocar crianças e adolescentes de baixa renda para trabalhar é disciplinador, ajudando a evitar a vadiagem e a criminalidade, reafirmando que o trabalho daria a educação e a disciplina que a escola deveria dar, e já que estes não tem a possibilidade de educar-se numa instituição de ensino, o trabalho seria a melhor opção.

Melissa vem novamente engrossar as estatísticas da precariedade das políticas que visam a proteção da infância e juventude, quando relata que ia trabalhar sozinha para ajudar no sustento de sua família, cenário este infelizmente ainda comum no Brasil e que também fez parte da vida da adolescente.

Porém, este não parece ser um fator determinante da vida de Melissa, nem compõe uma das razões que levaram-na a ir para a rua, conforme acontece em muitos casos, onde crianças e adolescentes procuram o espaço da rua como local de trabalho. Falaremos então a seguir, sobre o processo e as motivações da adolescente em ir para a rua.

Ir Para a Rua:

A ida de Melissa para a rua começa a partir de maus tratos sofridos em casa. Melissa relata que a mãe a acordava de madrugada para buscar cigarro e bebida alcoólica, para fazer comida, e se o desejo da mãe não fosse atendido ela não podia retornar para dentro de casa e tinha que ficar sentada na calçada esperando a mãe dormir.

Aí era lá pra cinco horas ela já tava dormindo, aí entrava eu, o Mateus (irmão) entrava eu e ele pra dentro e ia dormir, aí amanhecia, ela começava a falar um monte, um monte, um monte na nossa cabeça, aí vinha ele e eu pro centro.

Embora todo adolescente tenha vontade de fugir de casa quando acham que os pais “falam demais na cabeça” e sentem-se incompreendidos, o que diferencia os que optam por sair de casa é a fragilidade dos vínculos.

Segundo Rizzini (2000), essa base de apoio se constitui em todos os recursos capazes de oferecer segurança física, emocional e afetiva para que elas possam se desenvolver, bem como os laços familiares. Este adolescente que não possui o sentimento de pertencimento, nem na família, nem na comunidade e nos aparelhos do entorno, como é o caso da escola, optam, mesmo que forçadamente, pela procura de um local onde possam constituir novas relações, substituindo as já rompidas. Ao ser perguntado se faz tempo que vem para a rua.

Melissa relata que o primeiro contato foi aos cinco anos de idade, motivado pela violência doméstica.

Por que lá em casa, brigou minha mãe e meu pai, aí os irmãos já estavam vindo para a rua, e aí eu vim também. Aí eu cheguei em casa meu pai foi bater em mim, aí foi que eu vim para a cidade e fiquei quase um mês.

Embora já tenha relatado o uso de álcool e drogas pelos pais, e o quanto atribui a isso a desintegração de sua família, é a primeira vez em sua fala que ela cita o fator violência física, fator que determinou sua primeira ida à rua. Continua relatando sobre isso:

Ele tinha batido em mim, eu já não gostei que meu pai desse um tapa na cara da minha mãe, a faca tava do lado, a eu acertei a perna dele, aí já doeu o coração, aí eu vim pra cá (rua) e fiquei um tempão.[...] então foi o dia que ele deu o tapa na cara da minha mãe, foi o dia que eu acertei a perna dele.

Percebe-se então que tais lembranças são doloridas para a adolescente e que ao relatar o ato contra o pai utilizando-se de uma faca, fica nítido o peso que ela carrega por ter tomado tal atitude, pois, aquele que deveria ter a função de proteção e segurança rompe com seu papel, desencadeando uma agressão por parte daquela que deveria ser protegida. Ainda neste clima de pesar, responde quando perguntado se gosta de ficar na rua:

Gostar eu não gosto não, mas a gente fica, a pessoa [referindo-se a ela] perde a paciência e não quer fazer nada pra outra pessoa, não quer machucar entendeu, aí eu vim pra rua, eu não quero machucar ninguém entendeu?

Melissa mostra pelo olhar o quão difícil foi esta atitude. É conflitante para a adolescente o fato de ter atacado o próprio pai para preservar a sua segurança e da mãe, papel que se entende deveria ser dele, culpando-se por tomar tal atitude.

A Rua:

Tendo como foco os vínculos que os adolescentes criam com o espaço da rua, tentando entender a dinâmica da vida neste local e conhecer a história de rua da adolescente, pergunta-se então à Melissa sobre o que a rua tem de bom e ela inicia sua fala:

Na rua ninguém passa fome, comemos o que é mais gostoso, a gente encontra umas pessoas que ajuda você, as pessoas compram as coisas pra você. Fazer amizade também, mas tem que fazer amizade com as pessoas que não leva você pro mau caminho entendeu? O que tem de bom é você sentar num lugar e as pessoas passarem, te dar dinheiro e você comprar as coisas pra você comer. Tinha umas pessoas que compravam as coisas pra você comer e ficavam lá...

A princípio Melissa cita apenas aspectos objetivos, como ter acesso a comida e dinheiro, como fator positivo de ficar na rua, porém, ao fim de sua fala percebemos que mais do que comida e dinheiro, ela também valoriza a atenção que algumas pessoas dão aos que estão em situação de rua, oferecendo não apenas o alimento, mas ficando perto, conversando.

Ela continua:

A pessoa pensa que na rua ela é a pessoa mais poderosa, a rua ensina a pessoa a usar a mente.

Para a adolescente, uma das coisas boas que a rua trás é o fato de ensinar a se virar sozinha, a se cuidar, entendendo que isso é bom, pois não há quem faça isso por ela, sendo esta uma questão de sobrevivência, de aprender a lidar com as dificuldades e usar o raciocínio para se auto proteger. Ferreira (1999) expõe que quando a rua é a casa é preciso produzir daí um saber e um conhecimento que só se constrói com muita astúcia e inteligência.

Sobre a convivência com as outras pessoas que também estão na rua, Melissa relata:

É a gente um ajuda o outro como quando a gente ganha marmiteira, assim não tá com fome, o outro tá, daí dá pro outro comer.

Sobre essa relação de ajuda e solidariedade relata ainda:

Fiz amizade com os “viados” [...] eu ficava lá, “nós” ficava conversando, são todos legais! Falavam pra nós não entrar nesse mundo não! Sai dessa vida! Eu to aqui porque eu preciso, porque eu nasci pra ser isso... aí tinha outros camaradas que chegavam lá, conversava com nós. Passava um pastor e deixava uma sacola de coisas pra nós [de comida]. Tinha uma senhora de idade que passava lá também e deixava café da manhã. Era legal, todos os prédios que nós ia, chegava lá eles aceitavam. Tinha umas pessoas que nós já conhecia entendeu? Tinha o mercado lá, tinha um monte de coisas assim, tinha o lanche, nós chegava lá ele dava lanche pra nós [...] os caras do posto de gasolina, as meninas que trabalhavam no posto [...] a gente ia lá, elas davam pão, café, tem vez que eles traziam roupa pra mim.

A solidariedade é presente na relação entre as pessoas que permanecem na rua, constituindo um mundo complexo e contraditório, um mundo onde é preciso aprender a se proteger, não apenas dos fatores externos, mas também dos que convivem na rua, e ao mesmo tempo criar laços e pactos que assegurem uma certa tranquilidade na vivência de rua.

Novamente o que permeia a fala de Melissa não constitui-se apenas pela obtenção de coisas materiais para sua sobrevivência, mas também pelo fato das pessoas moradoras dos prédios no entorno de onde eles permaneciam, tratarem o grupo bem, pelo estabelecimento de amizade com os travestis e dos camaradas que chegavam apenas para conversar.

Sobre os aspectos negativos Melissa relata:

A pessoa aprende muita coisa que ninguém gosta... é... usar droga, essas coisas. A rua, ela ensina a usar a mente, mas ensina você mais das coisas que você não quer fazer... usar drogas, matar pessoas, a rua ensina assim...

Nos dizeres de Ferreira, (1999) entrar na lógica da rua impõe re-significar uma série de coisas e valores, ou seja, ter que aprender e fazer coisas que a sociedade impõe como “errada”. Em sua fala, Melissa expõe este conflito entre fazer o que considera certo e fazer o que é necessário para a convivência e a sobrevivência na rua, tendo que absorver as novas regras e obedece-las para que se possa estabelecer essa convivência. Conclui dizendo:

é difícil a pessoa na rua, quando você entra é fácil, mas pra você sair da rua, já é mais difícil, você começa a se acostumar com a rua, aí você já não quer mais voltar pra casa, quer ficar na rua...

Pergunta-se então em que ela considera que a rua prejudica a vida, ela me diz que: “*é usar droga*”.

Percebe-se novamente a questão do uso de substância psicoativa como fator negativo na vida de Melissa, que precisa enfrentar o uso de álcool e drogas pela mãe e conviver com o uso e pressão do grupo para o consumo na rua.

Violência e Medo:

As relações estabelecidas na rua, conforme dito no tópico anterior, são caracterizadas quase sempre pela busca de segurança e proteção. Aqueles que a tem para oferecer passam então a *status* de líder, com as vontades obedecidas, pois num mundo marcado pela violência eminente, a proteção se torna essencial.

Na rua a violência é cotidiana e muitas vezes banalizada. Pode vir de todos os lugares, por isso é necessário estar sempre atento, pode partir da polícia, dos que querem tomar o “ponto”, do colega que se desagrada com uma atitude ou fala, pode vir dos moradores que se incomodam com a presença deles ali.

É também através da violência que os adolescentes se impõe uns aos outros para a garantia de sua sobrevivência. Portanto, é essencial a obediência as regras de convivência estabelecidas, pois qualquer “bola fora” será punida com violência. É a maneira como estes meninos e meninas encontram para firmarem diante dos demais.

Melissa vivenciou várias situações de violência durante o período em que permaneceu na rua. A violência nem sempre foi sofrida pela adolescente, mas de alguma forma essas situações causam impactos em sua vida. Ela relata:

Eu já vi os caras espancando um monte de meninas que. não conseguiam fazer programa entendeu? Não conseguiam trazer dinheiro pro “patrão”. Ele que cuida de todas as meninas, ele manda na favela inteira! Daí as meninas tem que levar metade do dinheiro pra ele”.

Melissa demonstra incomodar-se não com o fato dos “caras” usarem de violência física para proteger as profissionais do sexo que fazem parte da área da favela, mas a incomoda o fato do “patrão” utilizar-se de violência contra as meninas que não levam o dinheiro, como se compadecendo da situação delas, como uma forma de compreensão e identificação com os problemas enfrentados por elas. Em outro momento da entrevista ela comenta a violência cometida pela polícia:

a polícia já chegava espancando todo mundo, sem mais nem menos já começava a bater nos outros, dar tapa na cara, ‘bicudava’, apanhei muitas vezes, chega assim oh, dormindo, chutava o menino e já espancava, dormindo assim na calçada, chegava já espancando [...] ‘bicudando’, dava choque em cada um. Não falavam nada! A Rone (viatura de polícia) um dia pegou o molequinho assim, deu tanta bicuda! Ai eles cataram o molequinho pelo pescoço assim, com aquele choque que tem né? E pegava o choque e apertava bem aqui oh [mostrando a mandíbula] ixi, o moleque tem problema, não mexe mais aqui, toma as coisa pelo canudinho.

A violência por parte dos policiais é umas das principais queixas dos meninos e meninas não apenas em situação de rua, mas das camadas mais empobrecidas da população.

Sobre a violência policial explicita Rosa (2005):

A violência das polícias, também, com as pessoas que estão morando nas ruas é cotidiana e muito antiga. Quase sempre se ouve relatos destas pessoas em relação a esta violência que aos poucos vai gerando uma cultura de intolerância daqueles que deveriam dar segurança em relação à parte mais frágil da sociedade. (ROSA, 2005, p.196).

A violência por vezes chega a ser extrema e no contexto da rua é o medo dela que muitas vezes leva meninos e meninas a refletirem sobre suas vidas. Assim, crianças e adolescentes enfrentam todos os dias a insegurança e a desproteção, travando uma luta diária de sobrevivência, de busca por alimento e por afeto, convivendo com o repúdio de alguns, com a compaixão de outros, com a intolerância da sociedade e a violência daqueles que deveriam proteger.

Por fim, após ouvir suas histórias, ou estórias, de momentos que pareceram ser agradáveis na sua experiência de vida na rua, seu conflito com a droga, a convivência com os demais e os pequenos serviços que prestava a troco de proteção, Melissa fala sobre o futuro.

Eu queria arrumar um emprego, ajudar minha mãe; eu quero sair de lá [do bairro] ter uma vida melhor que, em todo lugar tem droga, mas um lugar que minha mãe já não sabe que tem.

No convívio diário com meninos e meninas em situação de rua uma das primeiras percepções que se tem é que estes vivem do presente, como se pensar em futuro fosse tempo perdido. Nota-se a falta de perspectiva de melhora em suas vidas, de refletir que o ano que se deixa de

estudar, a experiência com as drogas, o trabalho precoce, entre outros afetará a busca de ideais mais adiante. Estão sempre em busca de novos desafios, como qualquer adolescente, porém com riscos muito maior, envolvendo-se com o tráfico, com pequenos furtos, envolvimento com brigas, etc.

Pergunta-se a Melissa sobre o que ela e os demais conversavam quando estavam na rua, se falavam sobre o que iam fazer no futuro, ela me responde que o comum era o uso constante da droga e, portanto, nem conversavam sobre isso.

Considerações Finais:

Múltiplos são os fatores que compõem a vida nas ruas, há, por exemplo, a solidariedade que permeia as relações com os companheiros que estão na mesma situação, dividindo o que ganha e não se esquecendo nunca deles, há o uso de substância psicoativa e o envolvimento com o tráfico de droga. O uso pode ter significação variada, para esquentar a mente, para fugir das dores diárias ou para ser aceito pelo grupo. O tráfico é o meio que encontram de obter a substância para o uso, ou de algum dinheiro, mas observa-se que a relação com o tráfico por vezes se dá como forma de proteção dos perigos da rua.

Embora a questão econômica esteja fortemente presente na vida desses meninos e meninas, este não é o único fator que contribui para a busca da rua como local de moradia e convivência. Notar-se-á que as relações familiares também têm peso preponderante, porém estas famílias encontram-se também fragilizadas e vulneráveis e seus componentes acabam por repetir a mesma história de pobreza, violência e rompimento de vínculos existentes por vezes há muitas gerações.

Um fator que se destaca quando analisamos a história de vida de Melissa por meio de seu relato, é que esses adolescentes estão à procura de um local de referência que possa possibilitar o estabelecimento de vínculos de pertencimento e de um grupo com quem se identifique. De acordo com Rizzini (2004) essas crianças crescem em condições adversas com relações afetivas fragilizadas e interrompidas com frequência, além de instabilidade e insegurança. Isso para a autora ajuda a explicar porque para muitas delas a rua exerce atração e até mais segurança em alguns casos.

A rua é vista pela sociedade como o lugar do público, da desordem, do “sem limite”, enquanto para os adolescentes acaba por significar o lugar onde se pode de alguma forma buscar vínculos, referências, construir sua identidade e saborear a liberdade de ser dono do seu tempo e da sua vontade, embora haja um preço a se pagar, como a troca de favores para obtenção de proteção.

Casa é mais do que um conjunto de paredes, todavia, quando não vêm carregadas de sentimento de pertencimento, de identificação, dos “meus” e de intimidade, as paredes perdem a sua importância.

Essas meninas e meninos estão sempre a procura do “seu lugar no mundo”, seja no ambiente familiar, escolar, institucional e social, ambientes estes marcados pela exclusão ou não acesso, tornando-se difícil estabelecer o sentimento de pertencimento com qualquer um destes segmentos. Segundo Rizzini (2004) “crescem desenraizadas, como se não pertencesse a lugar nenhuma. Perambulam de um espaço a outro, convivendo com discriminação, violência e preconceito”.

Vivem em locais públicos, porém não participam dos espaços públicos. Como afirma Escorel (1999), são marcados pelos estigmas e pela violação dos seus direitos, vivendo a margem da sociedade. Sua situação lhes impõe pensar no presente, no hoje e na busca da sobrevivência de mais um dia, não sobrando espaço para perspectivas de futuro.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL, **Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. Relatório do I Encontro Nacional sobre População em Situação de Rua.** 1. Ed. Brasília, DF: Bárbara Bela Ed. Gráfica e Papelaria, 2006.

CONDORELLI, Antonino. **Movimento Nacional de Meninos e Meninas de Rua.** Jornal Tecido Social. Correio Eletrônico da Rede Estadual de Direitos Humanos – RN. N. 009, Nov. 2003. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/tecidosocial/anteriores/ts009/entrev_alex_gama.htm> acesso em 25 set. 2007.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, Malandros e Heróis: Para uma sociologia do dilema brasileiro.** 5.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1990

ESCOREL, Sarah. **Vidas ao Léu: Trajetórias de Exclusão Social.** 1ª Reimpressão. Rio de Janeiro: Fiocruz, 1999

FERREIRA, Tânia. **Os Meninos e a Rua: Uma interpelação á psicanálise.** Belo Horizonte/MG: Autêntica / FUMEC: 2001.

GOUVEIA, Guilherme. **Censo federal vai traçar perfil de morador de rua.** Jornal de Londrina, Londrina, 24 set. 2007. Caderno Geral, p. 04.

OUTEIRAL, José. **Adolescer – Estudos Revisados sobre Adolescência.** 2.ed. Rio de Janeiro: Revinter, 2003.

PEREIRA, Potyara Amazoneida **Pereira. Mudanças estruturais, política social e papel da família: crítica ao pluralismo de bem-estar.** In: SALES, Mione Apolinário; et.al. (Org). **Política Social, Família e Juventude: uma questão de direitos.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2006. p.25-42.

RIZZINI, Irene. **Uma discussão (inter) nacional.** 2004. Dado disponível no endereço eletrônico: <http://www.puc-rio.br/noticias/editorapucio/autores/autores_entrevistas_IreneRizzini.html>. Acesso em 10 jul 2007

ROSA, Cleisa M. M. **Vidas de Rua.** São Paulo: Hucitec. 2005

SANTANA, Judith Sena da. **O Acompanhamento do Adolescente no Espaço Público da Rua.** In: ABEN. Revista *Adolescer – Compreender, Atuar, Acolher.* 2005. p.53-58. Disponível em: < <http://www.abennacional.org.br/revista/cap2.4.html>> Acesso em 18 ago 2007.